

# Perícia: causa do fogo no MAM não foi curto-circuito

O Instituto de Criminalística Carlos Eboli afastou ontem, a possibilidade de o incêndio que destruiu o Museu de Arte Moderna, na madrugada de sábado passado, ter sido provocado por um curto-circuito. A constatação do ICE foi divulgada após uma reunião entre o perito Luis Cesar Pires e o diretor do órgão, delegado Roberto Vilarinho, que não quis comentar o assunto e nem receber a imprensa.

A reunião durou cerca de 40 minutos e foi realizada a portas fechadas, no próprio gabinete do diretor. A hipótese de um curto-circuito foi afastada nessa reunião, quando o perito expôs ao diretor do ICE tudo o que observara na fiação do prédio, e na caixa-de-força, mostrando diversas fotografias dos escombros para reforçar sua conclusão:

Ao contrário do que fora informado anteriormente, o laudo sobre o incêndio — que não terá uma afirmação conclusiva a respeito da origem do fogo, e sim algumas hipóteses — começará ser redigido ainda hoje pelo perito, e até o final da semana estará pronto para ser entregue às autoridades que estão apurando as causas do incêndio. Devido à urgência com que o assunto vem sendo tratado, este laudo não será encaminhado para a 3ª DP através de malote, mas uma entrega especial, diretamente ao delegado titular.

## CONTESTAÇÃO

A diretora-executiva do Museu de Arte Moderna, Heloisa Lusosa, respondeu ontem às acusações da museóloga Fernanda de Camargo e Almeida-Moro:

— Primeiro: encontrei no meu arquivo, que não foi destruído pelo fogo, a resposta à carta que ela nos endereçou, à qual, disse, nós não demos atenção. Sua circular nos chegou em 3 de março deste ano e a resposta, com o questionário preenchido por meu assistente à época, Geraldo Edson de Andrade, foi despachada no dia 13 do mesmo mês.

— Em segundo lugar ela acusou o Museu de não proporcionar segurança à exposição do Museu de Ouro do Peru, no ano passado. Tenho em minhas mãos também um ofício dirigido ao comandante da Polícia Mili-



Os arquivos do MAM: como a biblioteca, inteiramente calcinados

tar, coronel Milton Teixeira Rosa, no qual pedimos ajuda para o policiamento. Não houve resposta escrita à petição, segundo afirmou a diretora, "pois a PM apenas envia os policiais no dia requisitado, como de fato aconteceu". Para grupos de visitantes, que se aglomeravam em torno às obras mais importantes do Museu do Ouro, era designado um guarda, que veio reforçar a vigilância normal do Museu.

— "Não há técnicos no MAM", disse Fernanda de Camargo. Isto não é verdade. Nem toda a diretoria é composta de técnicos, porque somos favoráveis a que eles ocupem cargos, realmente técnicos. Eu, por exemplo, tenho formação artística, mas considero que o papel de diretora é muito mais político, de coordenação entre os vários grupos. Temos aqui os melhores técnicos em suas áreas. O que se diria de um Bergmiller, diretor do Instituto de Desenho Industrial, um homem premiado internacionalmente; de Cosme Alves Neto, diretor da Cinemateca; de um Sidney Miller, à frente da Sala Corpo e Som?

Para Heloisa Lusosa, "é importante ainda ter uma comissão que se

destine a traçar a linha cultural do Museu". E esta comissão técnica é constituída também de nomes ligados à arte e cultura. "Infelizmente o problema do Museu é o monetário e às vezes temos de fazer concessões — como foi o caso da exposição do Mar e do desfile de fantasias premiadas no carnaval —, mas não nos desviávamos de nossa linha cultural, pois continuamos a manter todas as outras atividades".

## RÁDIO

A propósito da nota da Secretaria de Segurança que afirma que os bombeiros chegaram ao museu logo após o início do incêndio, Heloisa Lusosa disse que não presenciou os fatos e, portanto, não pode confirmar ou desmentir. afirmou, contudo, que repórteres da Rádio Globo chegaram ao museu antes dos bombeiros.

O Departamento de Jornais Falados da Rádio informou que o repórter João Vita, que em geral trabalha de madrugada na cobertura jornalística do trânsito na cidade, foi quem esteve no local na hora do incêndio. A Comunicação à rádio foi feita através de telefonema de um motorista de táxi.

minuciosamente o chão antes de sair, apagou todas as luzes e não notou nada de anormal.

"As 3h40m da madrugada de domingo vi a fumaça e sai correndo para avisar o PM. Pedi a ele que ligasse para o Corpo de Bombeiros e fui desligar a chave geral, no subsolo".

## EXPLICAÇÃO

Roberto dos Santos, electricista-chefe da manutenção, afirmou que pode garantir "que não houve problema elétrico, pois no fim do show o electricista corta o circuito da sala. A chave-geral, no subsolo, permanece ligada, mas o circuito local estava fechado. Além disto, o circuito do MAM é automático, e cai a energia

de uma decisão a ser tomada hoje de manhã pelo Instituto de Resseguros.

Segundo Celso Cardia, foi de Cr\$ 73,2 milhões o prêmio pago pelo Museu de Arte Moderna. O seguro de quase Cr\$ 47 milhões, está assim dividido: prédio — Cr\$ 30 milhões; móveis e utensílios — Cr\$ 2 milhões; passarela — Cr\$ 1,5 milhão; ar condicionado — Cr\$ 500 mil; elevadores — Cr\$ 1,5 milhão; e acervo — Cr\$ 12 milhões. (Heloisa Lusosa calcula as perdas do acervo, "por alto", em Cr\$ 250 milhões.)

O seguro será pago em parcelas, explicou Celso Cardia, porque é preciso esperar, entre outras coisas, pelo orçamento para o conserto do prédio. "E a partir

quando há qualquer problema". No entanto, Miguel Rodrigues disse apenas que apagou as luzes, e não se refere a um desligamento do circuito. Os peritos acreditam, no entanto, que o principal responsável pelo fato de o incêndio ter-se propagado tão rapidamente e em tamanhas proporções não foi o atraso dos bombeiros nem o descuido dos vigias, mas as próprias condições em que o museu foi construído. Citam o teto falso, construído em material facilmente inflamável, que levou o fogo de uma extremidade a outra. No MAM havia muito plástico, isopor e madeira, fazendo divisões e praticáveis, materiais contraindicados para um museu. (A filмотeca, embora composta de material altamente inflamável, salvou-se toda, pois estava instalada numa sala de alvenaria fechada, o que não acontecia com a sala do acervo.)

dai, e de outros dados, que fixamos o valor da indenização." De qualquer forma, explicou, esses Cr\$ 5 milhões a serem liberados possivelmente hoje fazem parte da parcela referente ao prédio.

José Ney Dias Cardoso, engenheiro da firma seguradora, disse que levará 30 dias, "pelo menos", até que se avalie o chamado "valor em risco total" do museu. Ele explicou que a existência de divisórias inflamáveis "não implica agravamento das tarifas, segundo a legislação brasileira". Confirmou a existência, no MAM, de extintores e hidrantes "em número suficiente", inclusive cerca de 40 extintores à base de pó químico.

## O encontro na praça: o poeta e as esculturas



Com o encarte do GLOBO na mão, correndo peça por peça e consultando, anotando, o poeta Carlos Drummond de Andrade misturou-se com as crianças e adultos na festa-feira de arte dos 50 Anos de Escultura Brasileira no Espaço Urbano, que O GLOBO realiza com apoio da Funarte e da Sul América Seguros, na Praça Nossa Senhora da Paz. Arredio, como sempre, só um fotógrafo amador percebeu o insólito: o poeta estudava a poesia da forma escultórica na liberdade do espaço. E documentou de longe. Um dos membros da equipe da mostra, amigo do poeta, não permitiu que perturbassem e nem foi fazer perguntas. O povo em volta nem percebeu que ali estava um dos maiores poetas da língua portuguesa, que se escreve em francês ou inglês já seria Premio Nobel.

## RECORDANDO

Carlos Drummond de Andrade, naquele demorado passeio com sua mulher, estava na verdade vendo o que ele mesmo plantara, há mais de 30 anos. Quando Getúlio Vargas chamou Gustavo Capanema para descer de Minas e assumir um Ministério, este trouxe também seu amigo, o poeta Drummond. Transferido para o Ministério da Educação e Cultura, já não mais de Saúde, levou Drummond para chefiar seu gabinete. E lá ficou o poeta até 1945. Foi Drummond no silêncio do seu gabinete o Maquiavel que fez o edifício do Ministério da Educação e Saúde (atual Palácio da Cultura) aglutinando Lúcio Costa, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Mário de Andrade, Manoel Bandeira e deles saíram as consequências que Getúlio Vargas tudo aprovava — painéis de Portinari, esculturas de Bruno Giorgi e Celso Antonio, jardins de Burlie Marx, Oscar Niemeyer, Afonso E. Reidy, o Patrimônio Histórico, a Faculdade de Filosofia e curso de jornalismo, o Museu Nacional de Belas Artes e toda a grande arrancada que não foi a Simbólica Semana de Arte Moderna de 1922, mas foi a instituição do Moderno na estrutura oficial. E no mesmo plano, a salvação da Memória Nacional.

Drummond deve ter tido saudade da Moça Reclinada, de Celso Antonio, invisível até agora, no jardim suspenso do gabinete, de Bruno Giorgi — e deve ter ficado impressionado com a variedade de escultores que desde então surgiram no Brasil. E o interesse espantoso



Drummond de Andrade diante de "Oitavo Vê", de Maria Martins

do povo e dos próprios artistas e intelectuais, vindo pela primeira vez na liberdade da praça, uma indução não imposta, nem por textos ou "explicadores", gerando prazer, interesse, fruição e indução. A lição de levar a escultura à rua, tirar dos museus onde o povo teme entrar, as obras que por sua condição devem ficar no espaço livre, além da festa e da surpresa de algo que não era poste, buraco, anúncio, fios, obras — era a forma tridimensional em criação artística. Talvez a arte que mais de perto fale ao povo, pelo seu lado mimético ou totêmico, ou religioso, em reflexo e reflexão.

## MARIA MARTINS

Drummond parou contemplando o "Oitavo Vê", de Maria Martins, a

única surrealista brasileira a constar de exposições européias, amiga de Breten, Mondrian, Duchamp, Ozenfant. Maria Martins nunca teve justiça no meio brasileiro. Era mulher de embaixador. Fez uma exposição na ABI em 1950 e outra no MAM ainda nos pilotos do MEC — e depois na Bienal, onde recebeu prêmio. Sua peça, um bronze onde uma figura de mulher retira até o sétimo vê, numa alusão à dança dos vêus, o das suas intimidades, com a cabeça instigante e vazia, sugere que o oitavo vê jamais será tirado — o da alma feminina.

Maria nunca foi vista pelo grande público e, falecida há poucos anos, teria curado sua mágoa com os patricios ao verificar como é apreciada a sua escultura.

## Criados dois grupos de trabalho para organizar a reconstituição

A direção do Museu de Arte Moderna divulgou ontem nota oficial comunicando que foi aprovada, em assembléia, a criação de um grupo de trabalho para "catalogar toda a solidariedade demonstrada pelos mais variados setores da população", autoridades e representantes de governos estrangeiros.

A assembléia também aprovou a criação de um segundo grupo de trabalho, composto por críticos e artistas plásticos brasileiros — representados, na reunião, por Mário Pedrosa, Carlos Flexa Ribeiro, Rubens Gershman, Lígia Pape e Carlos Scliar — pelo Instituto de Arquitetos do Brasil e o Clube de Engenharia, a fim de colaborar na reconstituição do acervo do Museu e sua restauração.

## CAPANEMA

BRASILIA (O GLOBO) — O Senador Gustavo Capanema (Arena-MG) enviou ontem ao Presidente Geisel um telegrama solicitando, como ex-presidente do MAM, cooperação financeira para a reconstrução do Museu. Este é o telegrama:

"Tomo liberdade de pedir seu patrocínio e cooperação financeira para as obras de imediata reconstrução do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, agora destruído por inevitável incêndio. Antigo presidente do museu, sinto-me no dever de fazer esforços para essa reconstrução. Receba as expressões de minha constante estima e admiração. Gustavo Capanema."

## LITERATURA

O Setor de Literatura do Museu de Arte Moderna expediu ontem uma nota oficial, pedindo a colaboração de todos — "e em especial dos escritores, editores, livreiros, professores e estudantes" — para sua recuperação. A chefe deste setor, Socorro Trindade, confirmou ontem que a biblioteca do Museu, cujo atendimento médio mensal era de três mil leitores, teve seus 50 mil volumes destruídos pelo incêndio — "assim, para conseguir a reconstrução do acervo bibliográfico, precisamos de uma contribuição ampla, pois também perdemos nossos arquivos, máquinas de escrever e mimeógrafos". Há dois planos já definidos: uma feira de livros e a realização de vários cursos.

## Vigias depõem e pouco esclarecem

Os depoimentos de José Leandro de Moraes, Antonio Dantas Castacho, José de França e Miguel Rodrigues dos Santos, vigias noturnos do MAM, prestados ontem na 3ª delegacia, não ajudaram muito a esclarecer as causas do incêndio. Miguel Rodrigues, a última pessoa a estar na Sala Corpo e Som antes do incêndio, afasta a hipótese de a causa ter sido uma ponta de cigarro; diz que revistou

## Primeira parcela do seguro pode ser paga hoje

O superintendente da "Ajax — Companhia Nacional de Seguros", Celso Cardia, deve entregar hoje à tarde à diretora do MAM, Heloisa Lusosa, um cheque de Cr\$ 5 milhões, correspondente à primeira parcela liberada do seguro devido. Esta liberação, entretanto, depende ainda